



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

IMAGEM E RESISTÊNCIA: FOTOATIVISMO INDÍGENA, COSMOPERCEPÇÕES E A SOCIOLOGIA DAS IMAGENS NO ACAMPAMENTO TERRA LIVRE 2023¹

Angélica Lima Mendonça – Universidade Federal do Tocantins

Cynthia Mara Miranda – Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

Esta pesquisa investiga a produção imagética de fotógrafos indígenas durante o Acampamento Terra Livre (ATL) 2023, com base em uma abordagem decolonial e ancorada na sociologia das imagens de Silvia Rivera Cusicanqui (2020), em diálogo com cosmopercepções indígenas latino-americanas. O objetivo central é compreender como essas imagens constroem representações visuais das lutas, territórios e identidades dos povos indígenas a partir de seus próprios modos de ver e comunicar.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; povos indígenas; cosmopercepções; decolonialidade; fotoativismo.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, conforme analisado por Fernando de Tacca (2011), a fotografia, em suas primeiras décadas de existência, no Brasil foi usada para enquadrar o indígena como objeto de estudo, seja sob o viés científico, documental ou exotizante. Naturalistas, missões etnográficas e agentes do Estado brasileiro produziram imagens que cristalizaram estereótipos — o “índio genérico”, descolado da contemporaneidade, com traços estéticos e simbólicos distantes de suas realidades socioculturais originárias. Durante décadas, a produção imagética sobre os povos originários esteve nas mãos de não indígenas, que reproduziram olhares coloniais e apagaram subjetividades.

No entanto, a partir do final do século XX e início do século XXI, iniciou-se uma mudança significativa nesse panorama: os próprios indígenas passaram a ocupar a cena fotográfica, não mais como objetos, mas como autores e agentes visuais. Essa virada, visível também na trajetória de Edgar Kanaykô Xakriabá (2022), marca o nascimento de um campo potente de produção: o fotoativismo indígena. Tal movimento transforma a fotografia em ferramenta de resistência política, expressão cultural e prática cosmopolítica de comunicação.

O objetivo geral nesta pesquisa é analisar as produções fotográficas realizadas por fotógrafos indígenas durante o Acampamento Terra Livre de 2023, buscando compreender como essas imagens

¹ Trabalho apresentado no GT3 – Redes sociais e ativismo midiático, da XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

constroem representações visuais das lutas, identidades e territórios indígenas, com base em seus próprios referenciais simbólicos e cosmopercepções.

Para atingir esse propósito, propõem-se três objetivos específicos: (1) descrever os elementos técnicos, estéticos e simbólicos presentes nas imagens selecionadas, a partir da aplicação da análise de conteúdo como método de organização e categorização; (2) interpretar os sentidos visuais produzidos nas fotografias com base na sociologia das imagens de Silvia Rivera Cusicanqui, em articulação com cosmopercepções indígenas expressas por pensadores, artistas e comunicadores indígenas, em especial a do fotógrafo indígena Edgar Xakriabá (2022); e (3) propor reflexões sobre a cristalização de estereótipos para enquadrar o indígena como objeto de estudo, seja sob o viés científico, documental ou exotizante durante missões etnográficas realizadas por agentes do Estado brasileiro, conforme apontado por Tacca (2011) considerando suas implicações políticas e comunicacionais no campo da imagem e da autorepresentação.

2. Imagem, fotografia e comunicação: entre linguagem e poder

A imagem é uma linguagem que constrói sentidos, e a fotografia — como sua materialização técnica — foi desde o seu advento, utilizado como instrumento de poder e colonialidade. A invenção da fotografia marcou um momento em que o “olhar” passou a ser mediado por dispositivos técnicos que capturam, registram e compartilham visões de mundo.

No campo da comunicação, a fotografia ultrapassou o registro documental, tornando-se narrativa visual, memória e linguagem política. O fotoativismo, nesse contexto, emerge como prática de resistência visual que utiliza a imagem como denúncia, afirmação de identidade e mobilização social. O trabalho dialoga com a proposta de Silvia Rivera Cusicanqui (2020), socióloga *aimará*, cuja sociologia das imagens propõe uma leitura crítica e sensível das visualidades coloniais e de suas resistências. Para a autora, as imagens guardam temporalidades sobrepostas, saberes silenciados e possibilidades insurgentes de memória e transformação.

Ao lado de Cusicanqui, a pesquisa se fundamenta nos pensamentos de autores indígenas como Denilson Baniwa (2023), Edgar Xakriabá (2022), Ailton Krenak (2019), Naine Terena (2016), cujas reflexões sobre imagem, comunicação e território guiam o olhar analítico. A noção de cosmopercepção indígena é usada como eixo teórico-epistemológico, entendida como a maneira particular com que diferentes povos indígenas percebem e se relacionam com o mundo, o tempo, os corpos e as imagens.

5. Caminhos metodológicos

Esta é uma pesquisa qualitativa, exploratória e de inspiração decolonial. O corpus é composto, inicialmente, por 12 fotografias selecionadas da galeria do Acampamento Terra Livre 2023, publicada

pela Mídia Ninja. A seleção considerou critérios técnicos (formato horizontal, nitidez, composição) e autorais (presença de créditos e diversidade de fotógrafos indígenas).

A metodologia foi organizada em três etapas complementares: (1) Análise de conteúdo, conforme Bardin (1977), aplicada para descrever e organizar as imagens com base em categorias visuais como enquadramento, símbolos, planos, luz, entre outras; (2) Interpretação crítica, orientada pela sociologia das imagens de Silvia Rivera Cusicanqui (2020), com foco nos sentidos simbólicos das imagens, suas camadas de memória, espiritualidade, território e ancestralidade visual; (3) Diálogo com cosmopercepções indígenas, estabelecido a partir de reflexões de pensadores, artistas e comunicadores indígenas sobre imagem, Edgar Xakriabá (2022) corpo e território, visando uma leitura que respeite as formas próprias de ver e comunicar dos povos retratados.

Essa abordagem metodológica busca não apenas analisar tecnicamente as imagens, mas compreender os sentidos que emergem de práticas fotográficas inseridas em contextos culturais específicos. A interpretação procura evitar leituras colonizadoras, reconhecendo que a imagem pode ser tanto um instrumento de estereotipação quanto de resistência e autorepresentação.

A pesquisa assume uma abordagem ética e decolonial, reconhecendo o lugar sócio cultural da pesquisadora como mulher brasileira, não indígena visando a construção de uma pesquisa compromissada com os saberes dos povos retratados de modo a evitar apropriação ou exotização culturais.

6. Considerações finais

Os resultados preliminares da pesquisa apontam que as imagens produzidas por fotógrafos indígenas durante o ATL 2023 apresentam elementos simbólicos e técnicos alinhados com seus modos de ver o mundo: o corpo-território, a ancestralidade, a circularidade do tempo, a coletividade e a conexão com a natureza são aspectos recorrentes.

Mais do que simplesmente representar, essas imagens reexistem. Elas criam fissuras nos imaginários coloniais e propõem outras visualidades, mais próximas das cosmopercepções indígenas e mais potentes em sua capacidade de comunicar, por exemplo, a luta ancestral dos indígenas brasileiros pela permanência em seus territórios.

Dessa forma, este trabalho pretende contribuir não apenas para os estudos sobre comunicação e imagem, mas também para o fortalecimento das práticas visuais indígenas como formas legítimas de expressão política, cultural e social. Mais do que ocupar espaços visuais, trata-se de transformá-los, plantando “novos olhares ancestrais” para enxergar o mundo.

Referências

BANIWA, Denilson. **Falas públicas e entrevistas em exposições e eventos culturais**. 2019–2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Sociologia da imagem: uma genealogia decolonial das visualidades*. São Paulo: Elefante, 2020.

KANAYKÕ, Edgar Xakriabá. **Etnovisão: imagem e memória a partir da produção visual indígena**. 2022. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

TACCA, Fernando de. **O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio**. In: LIMA, Sônia Gomes Pereira; MELLO, Valdei Lopes de Araújo. (Orgs.). *Imagem e diferença: raça, gênero e visualidades*. Brasília: Paralelo 15, 2011. p. 69-89.

TERENA, Naine. **Mídia indígena: memória, imagem e resistência**. São Paulo: Instituto Itau Cultural, 2016.